

A ORAÇÃO CONDICIONAL: OCORRÊNCIA E FUNÇÕES NA ESCRITA

Sumiko Nishitani Ikeda*

RESUMO: *Este artigo estuda a ocorrência e a natureza das orações condicionais (OCs) em editoriais e artigos de opinião publicados no jornal Folha de S. Paulo. Serão examinados os tipos de OCs e sua função discursiva de pano de fundo e de coesão no interior do parágrafo.*

PALAVRAS-CHAVE: *Orações condicionais; tipos de OCs; pano de fundo, coesão.*

Introdução

Este artigo examina a ocorrência e a função das orações subordinadas adverbiais condicionais (OCs)¹ em dez textos – entre editoriais e artigos de opinião, publicados na *Folha de S. Paulo*, por ocasião da comemoração dos quinhentos anos do Descobrimento do Brasil – em que se procuram explicações para o fracasso dos festejos. Do total de 735 orações que compõem os textos, de caráter dissertativo-argumentativo, foram encontradas dez

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP.

¹ Veja classificação das OCs no Anexo.

OCs (sete com a conjunção *se*² e três construções com sentido condicionante),³ ou seja, apenas 1,36% do total.⁴

A expectativa de um número mais significativo de OCs nesse tipo de texto baseava-se em afirmações como a de Decat (1995: 25), segundo a qual o texto

dissertativo é o texto da argumentação, envolvendo a formulação de hipóteses, do raciocínio indutivo e dedutivo, da especulação sobre os aspectos mais gerais de uma realidade [...] e as cláusulas que realizam essa proposição relacional de CONDIÇÃO se prestam a essas funções. (grifo do autor)

A propósito, Asatsuka & Strauss (2000) explicam que, na tradição da matemática, da filosofia e da lingüística formal, a OC foi considerada o protótipo da capacidade racional do homem, o cume da sua habilidade de raciocínio lógico, e acreditava-se que, subjacente à condicional contrafactual, haveria um raciocínio logicamente complexo.

Por outro lado, é interessante notar que, também com resultado que contraria a tradição, Auer (2000), em pesquisa na língua alemã, constata que as OCs são menos freqüentes na escrita (0,33) do que na fala (0,54). Este resultado contradiz a afirmação corrente de que a fala evita construções complexas; porém, continua o autor, conclusões semelhantes foram apresentadas por Ford & Thompson (1986), Beaman (1984), Biber (1986) e Leska (1965) (apud

² Não estamos considerando a construção que contenha a seqüência *como se*.

³ Devido à limitação de espaço, não estamos considerando o sentido condicionante do seguinte tipo (que tratamos em trabalho paralelo):

Imagine-se o que seria uma comemoração dessas no regime militar ou no Estado Novo de Getúlio Vargas. *Paradas nas ruas, garotos uniformizados cantando o "hino do Descobrimento", livros editados para louvar a beleza e as riquezas do Brasil.*

⁴ Mas em outra pesquisa com os mesmos textos encontramos 155 (21%) orações subordinadas adjetivas. Bloor (1998) fala de pesquisas sobre orações subordinadas em que a proporção de OCs foi de 71% (assunto legal), 53% (ciência) e 35,6% (jornalismo).

Auer 2000). Ou seja, muito daquilo em que se acreditava não é confirmado pela realidade da língua em uso.

A OC nas línguas naturais

Segundo Sweetser (1990), têm sido observado (Austin 1961, Haiman 1978, 1986, Comrie 1986) que a OC em línguas naturais não é idêntica ao da condicional definida pela lógica *se-então* (Ê). Os falantes de línguas naturais rejeitam as condicionais logicamente bem formadas e “verdadeiras” como: (1) *Se Paris é a capital da França, dois é um número par*, pois eles requerem a consideração da conexão entre as duas orações, pois usam a OC para falar sobre coisas *relacionadas*. O antecedente (prótase) e o conseqüente (apódose) das OCs não estão apenas ordenados seqüencialmente, mas estão ‘causalmente’ relacionados entre si. Daí a estranheza causada pela (1). A propósito, Dancygier & Sweetser (2000) afirmam que a conjunção *se* não é lexicalmente causal. No domínio do conteúdo, as OCs expressam causa ou capacitação, mas a causalidade entra na interpretação do conteúdo condicional pela função primária das OCs: a predição (portanto, o conteúdo tomado como um todo).

Por seu lado, Comrie (1986) e Dancygier & Sweetser (1996) distinguem as condicionais da lógica formal e as das línguas naturais, mostrando que o *se* da OC não é o *iff* (*se e somente se*, que envolve as condições *necessária* e *suficiente*, bicondicional). A este respeito, Van der Auwera (1986, apud Sweetser, 1990) argumenta em favor da “Tese da condição suficiente”, isto é, de que *se p, então q*, significa “p é uma condição suficiente para q”. Em: (2) *Se Maria for, João irá*, a interpretação óbvia será que João: (a) irá se Maria for; (b) não irá se Maria não for. Dizendo a (2), o falante está considerando apenas a possibilidade de Maria ir em contraste com a possibilidade de Maria não ir. A estrutura de raciocínio “*iff*” não é parte da semântica do *se*; a interpretação *iff* que normalmente

parece prevalecer nesse casos (isto é, João irá *somente* se Maria for) não é uma propriedade lógica da semântica formal de uma sentença condicional.

Comrie diz que (b) decorre conversacionalmente da afirmação de (a): há uma implicatura conversacional de que pelo menos é improvável que João vá se Maria não for. (Em termos de espaços mentais, um deles é estabelecido mais salientemente e diretamente que o outro. No exemplo, é o espaço da vinda de João e não o da não-vinda). Geis (1971) diz que falantes e ouvintes aperfeiçoam (*will perfect*) a condicional (a) em bicondicional e criam 'inferências convidadas': (b) *Se Maria não for, João não irá*, (c) *Somente se Maria for, João irá* e (d) *Se e somente se Maria for, João irá*.

Também para Asatsuka & Strauss (2000), a visão de que subjacente à OC contrafactual haveria um raciocínio logicamente complexo se deve ao contexto teórico que iguala a condição das línguas naturais à da matemática. Nesse sentido, as autoras criticam o modelo dos espaços mentais, de Fauconnier (1985), que não se separa da tradição da lógica formal, e além disso dá a palavras individuais o poder de construir um espaço mental (ex.: *se em: Se Lucky tivesse ganho eu seria rico*). Para elas, falta ao modelo considerar o fato de que as construções contrafatuais envolvem um elemento subjetivo (a atitude mental do falante), de avaliação, no caso, de desejabilidade/ indesejabilidade.

As autoras analisam conversas entre pares de americanos, japoneses e coreanos, sobre o terremoto de Los Angeles, e concluem que há um *raciocínio contrafactual prototípico* natural e espontâneo para todo ser humano, traduzido em expressões como "que bom que o terremoto tenha ocorrido de madrugada. Se tivesse ocorrido na hora do rush, a tragédia teria sido maior". Esse padrão consiste no seguinte:

- a) É *desejável* que p (fato: terremoto de madrugada) acontecesse. Se 'não-p' (contra o fato: terremoto na hora do rush) tivesse acontecido, teria levado a 'não-q' (conseqüências *indesejáveis*).

- b) É *indesejável* que p (fato: terremoto na hora do rush) acontecesse. (Se 'não-p' (contra o fato: terremoto de madrugada) tivesse acontecido, teria levado a 'não-que' (conseqüências *desejáveis*).

O *raciocínio contrafactual prototípico* requer uma teoria cognitiva dinâmica das OCs em línguas naturais, que explique o fato de haver uma co-existência necessária e simultânea de OC e raciocínio condicional contrafactual na *consciousness* do falante. Esse fato, segundo as autoras, explicaria as expressões de grande alívio, independentemente de cultura e língua, coletadas na análise, em relação à hora exata em que o terremoto ocorreu.

Para resumir o assunto, aproveitamos as palavras de Dancygier & Sweetser (1996). Há pelo menos duas correntes de pesquisa sobre as OCs: uma lógica e uma pragmática. Filósofos e semânticos formais têm visto as OCs como reflexo de estruturas semânticas lógicas tal como implicação material ou mais recentemente como descrição de mundos possíveis; a análise pragmática tem interesse no modo como as OCs refletem estruturas não-lógicas, nas condições sociais de felicidade dos atos de fala.

Tipos de OCs

Sweetser (1990 e também Dancygier & Sweetser, 1996 e 2000) classifica as OCs em:

1. *OC de conteúdo* – Não se afirma nem a prótase nem a apódose, mas a relação. É preditiva e envolve conexão causal ou de capacitação (ex.: *Se Maria for, João irá*). Encontramos oito exemplos em nossos dados⁵ (todos, com exceção de (1) e (c)).
2. *OC epistêmica* – O conhecimento causa a conclusão. Talvez seja mais usada para contextualizar conclusões afirmadas. O co-

⁵ Veja no Anexo os exemplos encontrados.

nhecimento da verdade da premissa hipotética expressa na prótase seria uma condição suficiente para concluir pela verdade da proposição expressa na apódose (ex.: *Se ele datilografou a tese dela, ele a ama*). Em nossos dados, apenas o exemplo (1) ilustra este caso. A OC epistêmica nos parecia apropriada para a função de manipulação do leitor (caso dos textos examinados), pois baseia-se em fato comprovado (da prótase) para afirmar a apódose (que pode não ser verdadeira). A nossa hipótese de encontrar grande quantidade desta OC, porém, não se confirmou.

3. *OC do ato de fala*⁶ – Envolve barganha, questões de polidez. Estas Ocs têm em comum o fato de serem parafraseadas por “Se (prótase), então consideremos que eu realize este ato de fala (i.e., o representado na apódose)”. Esta leitura contrasta com a da OC de conteúdo (que não precisa de paráfrase envolvendo ato de fala) e a OC epistêmica, que é parafraseada por “Se eu sei (prótase), então eu concluo (apódose)”. (ex.: *Se você estiver interessado, o Corinthians ganhou*) A OC não é condição para a vitória do Corinthians, mas para a apreciação do conteúdo da oração principal pelo ouvinte. Em nossos dados, é o caso do exemplo (c).
4. *OC metalingüística* (ex.: *Meu ex-marido, se essa é a palavra certa, foi visto em Las Vegas na semana passada*) – Não estabelece dois espaços metalingüísticos alternativos: a alternância refere-se à adequação/não-adequação do nome. (Nenhum exemplo foi encontrado em nossos dados)

⁶ Tratada por Thompson & Longacre (1985).

Função discursiva

a) de pano de fundo

Sweetser (1990) refuta a proposta de Haiman (1978) de considerar a OC como tópico. Para ela, as OCs são mais complexas que tópicos. A prótase é 'dado' no sentido de que sua aceitação (mesmo se hipotética) deve preceder qualquer consideração de conteúdo da apódose: é dado somente em relação à apódose. Além disso, outras estruturas lingüísticas também têm função de estabelecer o *background* ou pano de fundo: muitas subordinadas que precedem a principal apresentam conteúdo pressuposto ou dado ou de fundo. Por outro lado, as OCs dadas em inglês são sempre epistêmicas ou de ato de fala, ou seja, não envolvem as de conteúdo. A 'dadidade' que Haiman julga típica das OCs parece residir mais no contexto da fala do que propriamente na semântica da OC.

Para Fauconnier (1985, 1997 apud Dancygier & Sweetser, 2000), as OCs estabelecem (além do espaço-base: o espaço real do falante e do ouvinte) um Mundo Possível no qual a oração principal (oração *então*) é construída, ou seja, a OC serve como pano de fundo para a outra oração. Por exemplo, em *Se seu computador ficar em ordem, então terminaremos o artigo na sexta-feira*, a OC estabelece um espaço em que o computador está consertado e dentro desse espaço, o falante prediz que o artigo será concluído na sexta-feira.

Dancygier & Sweetser (2000) dizem que é natural que a oração construtora de espaço deva preceder a oração que elabora o espaço, daí a tendência de a OC preceder a principal. A posposição da OC é possível, mas neste caso, o contexto contribui muito na construção do espaço; e assim, a construção do espaço explícito seria apenas para confirmar ou esclarecer um espaço mental já construído. A seguir, (i) e (ii) correspondem a diferentes seqüências de instruções para a construção de espaços mentais, que diferem na relação causal entre o primeiro plano e o pano de fundo..

- (i) se P, Q: Se o computador da sua casa quebrar, *trabalharemos no escritório*. (i) é típica OC preditiva, afirma a relação causal.
- (ii) Q, se P: *Trabalharemos no escritório, se o computador da sua casa quebrar*.

Aqui é necessário algum pano de fundo já estabelecido, para assegurar que o ouvinte adicione Q ao espaço relevante. (ii) afirma a Q, e assim empurra a relação entre P e Q para o pano de fundo (talvez seja mais comum entre as OC de ato de fala e a metalingüística, que usam a OC para negociar a estrutura de pano de fundo do espaço). O exemplo (6) dos nossos dados ilustra este caso:

(6)⁷ A chegada dessas caravanas, de gente que tem pouco ou nada para perder, é sinal forte, mesmo que às vezes intimidante, de que o povo ainda procura soluções coletivas institucionalizáveis, identificadas com um sentimento de pertencer ao país. *Assustador seria, se esses laços já tivessem rompidos de vez.*

Notemos que muito do conteúdo de pano de fundo para a OC está dado na sentença anterior (constituindo uma espécie de pano de fundo extra), e por isso não é repetido na OC.

Na escrita alemã, segundo Auer (2000), prevalece a posposição: 51,60% x 37,86% (de preposição), resultado que contraria os dados no inglês. Deve-se porém levar em conta que a estrutura da língua alemã obriga a certas construções que não ocorrem no inglês (ex.: no inglês, a alternância da ordem OC/principal não envolve mudança estrutural, enquanto no alemão, a anteposição da OC causa mudança estrutural na principal). Em nossos dados, detectamos 5 OCs prepostas, 4 pospostas e 1 intercalada.

⁷ Corresponde ao número da lista de exemplos. Veja no Anexo.

b) coesão dentro do parágrafo

Longacre (Thompson & Longacre, 1985) relaciona a OC com a função de promover a coesão no interior do parágrafo. Segundo ele, a coesão entre parágrafos⁸ por meio de orações adverbiais e elementos similares é tão importante que uma teoria da estrutura do parágrafo poderia ser centrada nesse fenômeno. Ele cita três exemplos de OC com a mencionada função:

1. Ampliação de OC em um parágrafo condicional

Longacre mostra o seguinte exemplo:

Margem	Núcleo	
	<i>Carleton Gajdusek, the outstanding American authority on Kuru, observes that 'leprosy and yaws are less frequent here (in the Fore) than in many surrounding populaces who do not suffer from Kuru'</i>	Prótase
<i>Obviously, if the Kuru gene protects against either disease,</i>	<i>it could counteract the loss of genes due to Kuru</i>	Apódose

Notemos que neste exemplo a primeira sentença inicia a possibilidade de alguma conexão entre a baixa incidência de lepra e da framboesia tropical e a incidência de Kuru. A OC da segunda sentença torna essa conexão mais explícita, sugerindo que talvez o

⁸ Na coesão entre parágrafos, as chamadas margens em relação ao núcleo são buracos funcionais, que podem ser preenchidos por orações adverbiais. Elas podem ser usadas para: a) manter a perspectiva discursiva relativa ao discurso como um todo e b) promover a coesão entre os sucessivos parágrafos de um discurso.

gene do Kuru realmente proteja contra ambas as doenças. Esse fato está de acordo com a teoria da paráfrase, de Longacre, segundo a qual a paráfrase não é a reprodução semântica exata do material original, mas pode envolver perda ou ganho de informação. Notemos que nessa estrutura de parágrafo de duas sentenças muito do pano de fundo para a OC é dado na sentença anterior e, por conseguinte, não é repetida na OC. Concluimos que a seqüência das duas sentenças é essencialmente uma extrapolação da segunda sentença por adição de uma primeira sentença que fornece um pano de fundo extra e uma explicação.

É o caso do exemplo na conversa diária:

Quero saber se você está interessado em vir a minha casa para um jantar na terça à noite com três alunos da Universidade. Se você estiver, me diga.

Eis o exemplo em nossos dados:

- (7) Os eventos de Seattle e de Washington, nos Estados Unidos, vão demonstrando que às vezes as discussões mais importantes e mais pertinentes sobre temas de interesse público têm lugar fora da agenda oficial dos grandes encontros. Ocorreu algo parecido na conferência sobre o meio ambiente, em 1992, no Rio de Janeiro, com seu fórum paralelo. Agora um acontecimento semelhante, embora numa escala menor dá-se na Bahia. O dissenso, **quando praticado dentro do que requer a democracia, sem violência, é sempre saudável para fazer com os governantes ouçam mais a voz das ruas.**

As três primeiras sentenças preparam a conexão entre os seus conteúdos, que é tornada explícita pela OC (sentido: *Se o dissenso for praticado...*). Notemos que aquelas três sentenças constróem um pano de fundo que é apenas retomado em forma de paráfrase (*dissenso*), não precisando ser totalmente repetido na OC.

2) OC expressando alternativas em nível de parágrafo:

O exemplo de Longacre para este caso é o seguinte:

Margens	Núcleo	
	<i>A well-loved person they put in a coffin so that his relatives can visit him.</i>	Tópico
<i>If they make it long</i>	<i>the coffin stays in the house for 29 days.</i>	Alternativa passo 1
<i>If they make it short</i>	<i>it is only seven so that those who loved him can visit him</i>	Alternativa passo 2

As OCs nas margens expressam, juntamente com os núcleos seguintes, alternativas relativas ao tópico, 'viewing the dead in a coffin', expresso na primeira sentença. Tais exemplos são comuns:

Se você quiser jantar fora, eu te encontro às 5h no Restaurante Perkins. Se você quiser comer em casa, vamos deixar para às 6h30min.

Os exemplos (4), (5), (a) dos nossos dados ilustram esse caso:

(4) e (5) O calote, portanto, **só é imoral se praticado pelo cidadão. É, porém, admirável se praticado pelos detentores do poder**, cujas aposentadorias são pelo menos dez vezes maiores que os proventos do cidadão comum – o que se justifica, pois o poder é digno.

As OCs nas margens expressam, juntamente com os núcleos (*só é imoral e é, porém, admirável*) alternativas em relação ao tópico (*O calote*).

3) OC contrafactual

Longacre ilustra este caso com o seguinte exemplo:

Margem	Núcleo	
	<i>Domi, the nephew of Uncle Inggie, he also came to visit.</i>	Texto
<i>If Domi hadn't (come)</i>	<i>they wouldn't have known about the coming serenade.</i>	Contra-consideração

Este parágrafo de algum modo parece ser uma extrapolação da sentença contrafactual do parágrafo. Na primeira sentença, a informação é dada de que Domi veio visitar. Este fato é colocado contrafactualmente na segunda sentença, '*If Domi hadn't come*', com a consequência afirmada '*they wouldn't have known about the coming serenade*'. Longacre dispõe o parágrafo uma segunda vez no seguinte diagrama, suprimindo nos colchetes o material subentendido:

Pré-margem	Núcleo	Pós-margem	
	<i>Domi, the nephew of Uncle Inggie, he also came to visit.</i>	<i>[so that they would know about the coming serenade]</i>	Texto
<i>If Domi hadn't come to visit</i>	<i>they wouldn't have known about the coming serenade.</i>		Contra-consideração

Notemos que, uma vez refeito, o parágrafo revela o dado e sua consequência na primeira sentença e a condição contrafactual e sua consequência na segunda sentença. Parece claro que tais parágrafos são, então, extrapolações de sentenças contrafatuais em que a primeira sentença dá a informação extra relativa ao elemento condicional encontrado na segunda sentença.

Este caso ocorre no exemplo (b) dos nossos dados:

(b) [Texto] Tancredo Neves, no seu chamamento "não vamos nos dispersar", não se dirigia somente aos seus seguidores,

mas retomava o ideal de Tiradentes, da coesão e da unidade. Ele foi o homem que a história preparou para construir a transição democrática, sem traumas nem sangue. Uniu o seu partido, uniu as oposições, uniu o povo brasileiro. [Contra-consideração] **Sem ele**, a restauração do Estado de Direito não teria chegado a bom termo.

O parágrafo parece ser uma extrapolação da sentença contrafactual em que a parte antes da OC fornece informação extra relativa ao elemento condicional. Na parte antes da OC, fala-se em Tancredo Neves como o homem que teria condições de construir a transição democrática. Isso é posto 'contrafactualmente' na segunda sentença, seguida da consequência (na apódose).

Função de avaliação epistêmica negativa

De acordo com Dancyngier & Sweetser, as formas verbais no passado por vezes chamadas contrafatuais (ou 'distantes' ou 'subjuntivas') estão limitadas a OCs com duas características: são preditivas e são tratadas pelo falante como predições não prováveis e Fillmore (1990) refere-se a elas como tendo uma avaliação epistêmica negativa em relação ao conteúdo da condicional. Ao contrário, a forma não-passada, *Se chover amanhã, eles cancelarão o jogo*, faz uma avaliação neutra.

ABSTRACT: *This paper studies the occurrence and nature of conditional clauses (OCs) in editorials and opinion articles published in the newspaper Folha de São Paulo. Types of OCs and their discursive function of backgrounding and of cohesion within a paragraph are also examined.*

KEYWORDS: *conditional clauses (OCs); types of OCs; backgrounding; cohesion.*

ANEXO

1. Classificação de OCs

Segundo Thompson & Longacre (1985), a maioria das línguas faz uma distinção básica entre tipos de orações condicionais (OC): *reais* e *irreais*.

- a) As reais referem-se ao presente 'real', 'habitual'(ou 'genérico') ou situações passadas.

Presente: Se estiver chovendo, meu carro está se molhando.

Habitual: Se você breca, o carro pára.

Passado: Se você foi à festa, então você sabe sobre Marta e Joca.

- b) As irreais referem-se a situações 'irreais': aquelas nas quais (1) *imaginamos* o que poderia ser ou poderia ter sido, ou aquelas nas quais (2) *predizemos* o que será:

(I) *Imaginárias*:

Se eu visse o David, eu falaria alemão com ele. (que pode ser hipotético)

Se você tivesse ido ao concerto, você teria visto Ravi Shankar. (que pode ser contrafactual)

Se eu visse Jimmy Carter, desmaiaria. (Hipotético (o que poderia acontecer))

Se eu fosse você, escreveria um livro. (Contrafactual (não poderia acontecer))

Se tivéssemos desejado uma tarde tranqüila, teríamos deixado você em casa.

(Contrafactual (não aconteceu))

(II) *Preditiva*: Se ele conseguir o emprego, vamos comemorar.

As OCs preditivas podem ser semanticamente 'reais' ou 'irreais' (uma predição futura ainda não aconteceu, portanto é 'irreal',

bem como aquelas que não aconteceram ou podem acontecer. Mas são reais porque as predições dizem respeito a estado de coisas no 'mundo real').

2. As OCs encontradas nos textos

- (1) Essa história tem dupla finalidade: 1) fustigar os cáusticos para no sábado conferir a realidade com as previsões e a tranqüilidade do governo e 2) contentar os otimistas – **se o Brasil é capaz de produzir armas, tão variadas e tão aguerridas tribos tupiniquins (de MST a punks), é sinal de que as coisas não deram tão errado assim.**
- (2) Glória a Tiradentes, herói fanático a pregar com o seu exemplo a necessidade da coesão e da vontade para a nossa formação: **“Se todos quisermos, o Brasil será um grande país”**. Pensemos na palavra “todos”, que ele usava, para ressaltar que ninguém pode se omitir dessa tarefa.
- (3) Essas organizações estão em Porto Seguro colocando uma pitada de pimenta nos festejos e é absolutamente lícito *que possam dar o seu recado sem constrangimento, desde que,* como também é fundamental na cultura democrática, **não se apele para a violência sob nenhum pretexto.**
- (4) e (5) O calote, portanto, *só é imoral se praticado pelo cidadão. É, porém, admirável se praticado pelos detentores do poder,* cujas aposentadorias são pelo menos dez vezes maiores que os proventos do cidadão comum – o que se justifica, pois o poder é digno.
- (6) A chegada dessas caravanas, de gente que tem pouco ou nada para perder, é sinal forte, mesmo que às vezes intimidante, de que o povo ainda procura soluções coletivas institucionalizáveis, identificadas com um sentimento de pertencer ao país. **Assustador seria** se esses laços já se tivessem rompido de vez.

- (7) Os eventos de Seattle e de Washington, nos Estados Unidos, vão demonstrando que às vezes as discussões mais importantes e mais pertinentes sobre temas de interesse público têm lugar fora da agenda oficial dos grandes encontros. Ocorreu algo parecido na conferência sobre o meio ambiente, em 1992, no Rio de Janeiro, com seu fórum paralelo. Agora um acontecimento semelhante, embora numa escala menor dá-se na Bahia. O dissenso, **quando praticado dentro do que requer a democracia, sem violência, é sempre saudável para fazer com os governantes ouçam mais a voz das ruas.**

Os exemplos de estrutura com sentido condicionante:

- (a) Diz São Paulo que **sem cruz não há cristianismo**, que **sem a ressurreição** nossa fé desmorona-se.
- (b) Tancredo Neves, no seu chamamento “não vamos nos dispersar”, não se dirigia somente aos seus seguidores, mas retomava o ideal de Tiradentes, da coesão e da unidade. Ele foi o homem que a história preparou para construir a transição democrática, sem traumas nem sangue. Uniu o seu partido, uniu as oposições, uniu o povo brasileiro. **Sem ele, a restauração do Estado de Direito não teria chegado a bom termo.**
- (c) **A rigor, as comemorações dos 500 anos não são exatamente pobres.**

BIBLIOGRAFIA

- AKATSUKA, N. MC.; STRAUSS, S. Counterfactual reasoning and desirability. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). (2000) *Cause condition concession contrast. Cognitive and discourse perspectives*. New York, Berlin: Mouton de Gruyter.
- AUER, P. Pre-and post-positioning of *wenn*-clauses in spoken and written German. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). (2000) *Cause condition concession contrast. Cognitive and discourse perspectives*. New York, Berlin: Mouton de Gruyter.

- BIBER, D. (1986) Spoken and written textual dimensions in English: resolving the contractory findings. *Language*, 62, p. 384-416.
- BLOOR, T. Conditional expressions: meanings and realizations in two genres. In: MACARRO, A. S.; CARTER, R. (1998) *Linguistic choices across genres: variation in spoken and written English*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Co.
- COMRIE, B. Conditionals: a typology. In: TRAUGOT, E. C.; et al. (Ed.). (1986) *On conditionals*. Cambridge: University Press. p. 77-102.
- COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). (2000) *Cause condition concession contrast. Cognitive and discourse perspectives*. New York, Berlin: Mouton de Gruyter.
- DANCYNGIER, B.; SWEETSER, E. Conditionals, distancing, and alternative spaces. In: GOLDBERG, A. (Ed.). (1996) *Conceptual structure, discourse & language*. Stanford: CSLI Publ. Center for the Study of Language and Information, CA.
- _____. Constructions with *if*, *since*, and *because*: causality, epistemic stance, and clause order. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). (2000) *Cause condition concession contrast. Cognitive and discourse perspectives*. New York, Berlin: Mouton de Gruyter.
- DECAT, M. B. N. (1995) Relações adverbiais e gêneros do discurso. *CADERNOS de Estudos Lingüísticos*, Campinas, 28, p. 19-36.
- FAUCONNIER, G. (1985) *Mental spaces*. Cambridge MA: MIT Press [Reprinted 1994, Cambridge: Cambridge University Press].
- _____. (1997) *Cognitive mappings for language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FILLMORE, C. (1990) Epistemic stance and grammatical form in English conditional sentences. In: *Papers from the Twenty-sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago Linguistics Society, University of Chicago. p. 137-62.
- FORD, C. E.; THOMPSON, S. A. Conditions in discourse: a text-based study from English. In: TRAUGOTT, E. C. et al. (Ed.). (1986) *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 353-72.
- GEIS, M. L. (1971) On invited inferences. *Linguistic Inquiry*, 2 (4), p. 562-6.
- GOLDBERG, A. E. (Ed). *Conceptual structure, discourse & language*. Stanford, CA: CLSI Publ. Center for the Study of Language & Information.

- GRYNER, H. (1995) Graus de vinculação nas cláusulas condicionais. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, 28, p. 19-3.
- HAIMAN, J. (1976) Conditionals are topics. *Language*, 54, p. 564-89.
- LESKA, C. (1965) Vergleichende Untersuchungen zur Syntax gesprochener und geschriebener deutscher Gegenwartssprache. *Beiträge zur Geschichte der Deutschen Sprache und Literatur*, 87, p. 427-64.
- LONGACRE, R. E. (1966) Trique clause and sentence: a study in contrast, variation, and distribution. *International Journal of American Linguistics*, 32, p. 242-52.
- SWEETSER, E. E. (1990) *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: University Press.
- THOMPSON, S. A.; LONGACRE, R. E. Adverbial clauses. In: SHOPEN, T. (Ed.). (1985) *Language: typology and syntactic description* (II). Cambridge: University Press.
- VAN DER AUWERA, J. Conditionals and speech acts. In: TRAUGOT, F. C. et al. (Ed.). (1986) *On conditionals*. Cambridge: University Press. p. 197-214.